

# AMOR, SEXUALIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO NA FRANÇA CONTEMPORÂNEA

<sup>1</sup> GISSEROT Helene e AUBIN Claire *Les Femmes en France 1985 1995* Paris La Documentation Française 1994 BOZON Michel *Le Mariage en Moins Societe Française* n 26 1988 *Les Femmes Portrait Social* INSEE Collection Contours et Caracteres s I 1995

<sup>2</sup> TOULEMON Laurent e LERIDON Henri *20 Annees de Contraception en France 1968 1988* *Population* n 4 1991

<sup>3</sup> Ver a parte Sante do volume *Les Femmes* do INSEE

<sup>4</sup> KAA Van de Europe s *Second Transition* *Population Bulletin* 42 (1) Nova Iorque Nações Unidas 1987

Desde os anos 60 consideráveis mudanças afetaram a situação das mulheres na França como em outros países desenvolvidos<sup>1</sup> Em 25 anos elas alcançaram e até mesmo ultrapassaram o nível de instrução masculino Esse forte investimento feminino nos estudos tornou-se a primeira etapa de um novo tipo de trajetória profissional quatro quintos das mulheres entre 25 e 44 anos agora têm um emprego e o exercem de maneira contínua Mas existe ainda uma mudança que elas consideram mais fundamental as mulheres conquistaram o domínio de sua fecundidade A difusão quase geral dos meios de contracepção<sup>2</sup> nos quais elas confiam pílula e D I U (mais decisiva a médio termo do que a legalização do aborto obtida em 1975) permite-lhes controlar o número dos filhos e o calendário de seus nascimentos nessa mesma corrente as mulheres se beneficiaram de grandes progressos médicos na prevenção e no acompanhamento de sua vida genital e genésica<sup>3</sup>

Todas essas mudanças contribuem para aumentar a autonomia pessoal das mulheres a evolução do estatuto feminino e o principal motor da repentina transformação das formas e das estruturas familiares iniciada na segunda metade dos anos 1960 e que levou alguns demógrafos a falar de uma segunda transição demográfica<sup>4</sup> Assim eles designam todo um conjunto de fenômenos como a queda da fecundidade a diminuição dos casamentos o aumento do divórcio o crescimento das situações monoparentais Essas evoluções têm uma coerência na medida em que todas elas parecem pôr em questão a existência o valor e a forma do **casal** A autonomia crescente das mulheres se manifesta então e de modo acentuado em mudanças na sua

vida privada. A despeito da diminuição dos casamentos seria falso concluir pelo declínio do casal. Seja qual for a forma institucional, o casal continua sendo uma realidade para a grande maioria das mulheres. Mesmo aquelas que vivem sozinhas em geral conheceram uma experiência de casal em um momento de suas vidas e vivem com a aspiração de recomeçá-la sob uma forma ou outra. O casal mais do que o casamento continua sendo a vertebra da sociedade francesa. Mas se ele se tornou mais informal, pelo menos na maneira pela qual se constitui, pode-se dizer que, no seio do casal, as relações entre os sexos se transformaram? Deve se poder descrever de modo preciso o que mudou ao mesmo tempo que aquilo que permaneceu igual.

Escolhemos abordar essas questões pelo ângulo dos comportamentos amorosos e sexuais. Outros pontos de vista seriam também possíveis e legítimos: poder-se-ia, por exemplo, descrever o crescente engajamento das mulheres em suas profissões ou então descrever as novas formas assumidas pelas tarefas domésticas e familiares. O interesse em abordar a sexualidade e o amor como indicadores do estado das relações sociais de sexo e que constituem domínios de interação entre mulheres e homens nos quais os indivíduos pensam escapar as coações sociais mais pesadas e exprimir seus sentimentos e desejos profundos. Ora, a descrição dos comportamentos mostra ao mesmo tempo evoluções muito nítidas e a permanência de uma divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres.

Para abordar os comportamentos e tornar claras as evoluções das relações sociais de sexo, é necessário distinguir três classes de realidades nas quais os indivíduos se encontram simultaneamente implicados: as representações, as práticas, as normas.

As **representações** designam aqui a camada mais antiga, mas também a mais estável e a mais implícita da visão de mundo dos indivíduos. Nas representações encontram-se categorias de classificação, imagens, símbolos que organizam a relação dos indivíduos com a natureza, assim como as relações dos indivíduos entre si (especialmente as relações de sexo). Essa visão de mundo se apresenta com frequência como natural, não exigindo qualquer justificativa; numerosos autores descreveram a seu modo essa primeira camada da percepção social. Os historiadores franceses da história das mentalidades, como Philippe Aries ou Michel Vovelle<sup>5</sup>, descreveram as atitudes coletivas de longa duração. Philippe Aries mostra, por exemplo, a persistência através dos séculos de representações de um esvaziamento cíclico das fases da vida. O antropólogo Maurice Godelier, em *L'Idéal et le Matériel*<sup>6</sup>, indica que as representações explicam quem deve fazer o quê, quando, como e porquê. Ele

<sup>5</sup> VOVELLE Michel, *La Mort et l'Occident de 1300 a nos Jours*, Paris: Gallimard, 1993.  
ARIÈS Philippe, *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>6</sup> GODELIER Maurice, *L'Idéal et le Matériel*, Paris: Fayard, 1984.

lhes atribui três funções: representar, organizar e legitimar as relações dos homens entre si e com a natureza. O sociólogo Pierre Bourdieu, em artigo consagrado a dominação masculina<sup>7</sup>, evoca esses esquemas de pensamento impensados que ( ) sob a forma transformada de um conjunto de pares de oposições (alto/baixo, grande/pequeno etc) funcionando como categorias de percepção constroem as relações de poder justamente do ponto de vista daqueles que assim afirmam sua dominação, fazendo-as parecer naturais. As representações organizam a percepção, mas podem se objetivar em instituições ou objetos, ou se encarnar sob formas corpóreas, pode-se pensar, por exemplo, na imagem do homem forte (protetor) e da mulher fraca (vítima a ser protegida) e a seus múltiplos prolongamentos.

Quanto as **normas**, elas são regras de comportamentos explícitos, as quais os indivíduos se referem conscientemente, e que se fundam sobre justificações ou princípios filosóficos, ideológicos ou políticos, ou sobre o surgimento de novas aspirações individuais ou coletivas. No interior de uma determinada sociedade, existem sistemas de normas concorrentes, com eventuais conflitos. O surgimento de novas normas, como a da igualdade entre os indivíduos e entre os homens e as mulheres, não perturba de imediato as representações, cujo ritmo de evolução é lento. Alias, existem igualmente normas para impedir a transformação das representações e para invocar - isto é, justificar - as representações antigas ameaçadas.

As **práticas**, quer sejam individuais ou coletivas, são comportamentos realizados. Elas se ligam de maneira bastante complexa, as normas, que, com frequência, as ultrapassam. Elas podem revelar a persistência de representações que se tornaram inconscientes. As únicas modificações decisivas são as que afetam as práticas. Por exemplo, quando se examina a transmissão dos papéis de sexo na família de uma geração a outra, observa-se que o mais importante não é o que cada genitor diz ou recomenda fazer (a norma), mas aquilo que eles fazem na vida cotidiana, as práticas observadas pela criança.

Neste artigo, apresenta-se primeiro um exemplo de representação tradicional do masculino e do feminino através das percepções que mulheres e homens têm de seus cônjuges. Em seguida, dá-se um breve panorama da evolução dos comportamentos sexuais na França entre 1970 e 1992, insistindo sobre as mudanças que afetaram as mulheres. Em terceiro lugar, as diferenças de comportamentos sexuais entre homens e mulheres são descritas e interpretadas na moldura das relações sociais de sexo. Finalmente, analisam-se o divórcio e as consequências do divórcio como reveladores dos limites da autonomia que as mulheres adquiriram.

## Um exemplo de representação do masculino e do feminino a percepção do cônjuge

O fundamento do casal no momento em que ele se constitui e o amor de um pelo outro. E pelo menos o que dizem os cônjuges e não há razão para não o acreditar. O modelo do casamento por amor depois do casal por amor (quando o casamento declinou) tornou-se dominante na França no século XX.

Contudo a existência desse sentimento não significa que as mulheres e os homens que formam um casal cedam a inclinações misteriosas e imprevisíveis. Para que se produza um encontro amoroso e preciso que cada um tenha pelo outro um julgamento positivo que pode eventualmente transformar-se em um sentimento amoroso. Os julgamentos amorosos são julgamentos sintéticos pelos quais se avalia o conjunto da pessoa que se tem diante de si. Eles se fundam em categorias de percepção informais que diferem muito nitidamente de um sexo a outro. Mesmo se empregam a mesma palavra para dizê-lo, mulheres e homens não se enamoram da mesma maneira.

Um questionário realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Demográficos da França com cerca de 3 000 casais e intitulado *Formação de casais*<sup>8</sup> permite esclarecer esse assunto. Uma das perguntas feitas se referia às qualidades que as pessoas interrogadas tinham encontrado em seus cônjuges no início de suas relações. Essa pergunta permite revelar as categorias amorosas de cada sexo.

Nas mulheres os homens valorizam de mesmo tempo a aparência física e características psicológicas e relacionais que qualificam o estilo de suas relações com o outro. Entre os termos positivos usados por eles para descrever as mulheres destacam-se os seguintes adjetivos: espontânea, alegre, feminina, risonha, sedutora, bonita, simples, seria, elegante. O psicológico e o estético não estão separados. Eles se misturam em julgamentos sobre a apresentação e o estilo exterior da pessoa. A importância concedida ao estilo se liga ao papel de representação de contato e de mediação social que é tradicionalmente delegado às mulheres. A despeito das muitas evoluções de sua posição social assinaladas acima, as mulheres continuam a ser percebidas pelos homens<sup>9</sup> como um objeto simbólico, objeto passivo de contemplação e de desejo.

Inversamente, quando as mulheres observam e julgam os homens, elas não se detêm na aparência física, mesmo se a observam com atenção, elas passam rapidamente para julgamentos referentes ao *status* social e profissional dos homens (exemplos: inteligente, trabalhador, corajoso, generoso) ou a julgamentos mais afetivos (exemplos: afetivo, seguro<sup>10</sup>). Nos dois casos existe uma forma de aceitação sublimada pelas mulhe-

<sup>8</sup>BOZON Michel e HÉLAN François. *La Découverte du Conjoint I et II. Population* 6 1987 e 1 1988. BOZON Michel. *Apparence Physique et Choix du Conjoint. La Nuptialité*. Paris: PUF/INED, 1991.

<sup>9</sup>Percepção amplamente interiorizada pelas mulheres.

<sup>10</sup> Utilizamos o termo seguro para traduzir a palavra francesa *sécurisant* que significa exatamente pessoa que transmite aos outros uma impressão de segurança.

res da posição dominante do homem no casal e na sociedade. Na representação comum, o *status* social do casal (e da mulher) continua a depender daquele do homem, mesmo se essa imagem tradicional recuou na realidade, diante da ascensão do emprego feminino.

Um homem é, portanto, apreciado e amado como sujeito social, enquanto a mulher vale sobretudo como objeto simbólico. Um outro exemplo dessa oposição é o das diferentes representações que as mulheres e os homens têm da aparência física das pessoas do outro sexo.

No questionário foram feitas perguntas sobre o ideal físico de cônjuge das pessoas interrogadas, quando elas tinham 20 anos. Uma mulher sobre duas sonhava então com um homem moreno, e apenas 22% com um homem loiro, por sua vez, os homens, sem desdenhar as morenas, preferiam claramente as mulheres loiras. As preferências femininas e masculinas não são independentes. Aos cabelos loiros associa-se tradicionalmente uma imagem de feminilidade e de personalidade moderada, sem excessos. Se a maioria das mulheres não ama os loiros, é justamente porque a imagem do loiro parece efeminada, um homem de verdade não pode ser loiro! Nesse sistema de representações estereotipadas, a imagem do homem moreno se associa a uma ideia de maturidade, de virilidade e até de dominação social, a da mulher loira a fantasia de uma feminilidade fortemente afirmada, mas submissa<sup>11</sup>.

A estatura do parceiro intervem igualmente nas representações que mulheres e homens fazem de seu cônjuge. Mas não desempenha o mesmo papel para uns e para outras. Na sua grande maioria, as mulheres insistem em que seu cônjuge seja mais alto do que elas, os homens, em troca, se declaram relativamente indiferentes à estatura de suas parceiras e mesmo dispostos a aceitar que sejam mais altas do que eles. A alta estatura do homem não é, para as mulheres, uma característica neutra da aparência, cuja valorização eventual seria uma simples questão de gosto ou de preferência pessoal. Trata-se, ao contrário, de uma característica essencial da masculinidade, inscrita nas representações funcionando como significado da dominação simbólica do homem, esta na essência, do homem ser maior. Mulheres e homens se distinguem igualmente pela atenção que conferem à aparência dos trajés de seu cônjuge. As mulheres observam com muita atenção a maneira como os homens se vestem, enquanto estes se interessam bem menos pela vestimenta feminina. Um sinal bem nítido dessa diferença é que as mulheres se lembram bastante bem, cerca de 20 anos depois, da maneira pela qual seu cônjuge estava vestido quando o conheceram, enquanto os homens esqueceram como era a roupa da sua mulher.

<sup>11</sup> Os estereótipos associados na França à cor dos cabelos não têm evidentemente um valor universal. Assim, em um país tradicionalmente multirracial como o Brasil, a cor loira, entre os homens, pode ter um significado e um valor de classe, por sua raridade e sua associação a certos grupos migrantes (exceto na região Sul). Ao contrário, os homens morenos, por serem mais comuns, não têm grande valor distintivo.

As mulheres sentem pela aparência física dos homens um interesse que não é da mesma natureza que o dos homens pelo físico das mulheres. Pode-se dizer que as mulheres jovens, na idade dos encontros, caracterizam-se por um realismo social precoce que as conduz a nunca esquecer as consequências e o que está em jogo para elas na formação de um casal e a importância do *status* social do homem para o casal. Elas utilizam então os elementos de aparência física do homem como signos que dão informações sobre ele. Aprendendo desde a mais tenra idade a reparar em sua própria aparência e na das outras mulheres, elas sabem observar os traços característicos da aparência do homem e operar uma extrapolação das classificações físicas para a caracterização social.

Quanto aos homens, eles são menos observadores que as mulheres, mesmo se são mais fortemente e mais diretamente atraídos fisicamente por elas. Nas representações masculinas, a mulher continua a ser considerada como um objeto que se deseja adquirir (e depois exibir), mais do que como um sujeito com o qual se estabelece uma relação.

Nos sentimentos de amor que mulheres e homens podem sentir uns pelos outros, a dominação masculina já está presente e interiorizada. A superioridade social dos homens se traduz em termos de superioridade simbólica no casal e de um desejo mais ativo que o das mulheres. As modificações que afetaram os comportamentos sexuais nos últimos 20 anos não terão mexido com essas representações?

### **A evolução recente das normas e das práticas em matéria de sexualidade**

Com pouco mais de 20 anos de intervalo, duas enquetes, a primeira realizada em 1971<sup>12</sup> e a segunda em 1992<sup>13</sup>, permitem conhecer a evolução dos comportamentos sexuais na França (ver Anexo). Essas duas décadas são geralmente consideradas como um período de liberação sexual, em continuidade a revolta estudantil (e operária) de maio de 1968.

Certos resultados das duas enquetes são espantosamente semelhantes, apesar do intervalo de tempo que as separa<sup>14</sup>. O número de parceiros sexuais declarado pelos homens interrogados no curso de suas vidas é idêntico: 12 em ambos os casos. Em troca, esse número aumenta no caso das mulheres, que declaram 3,2 parceiros em 1992 contra apenas 1,8 em 1971.

Em 1971, como em 1992, 46% das mulheres de todas as idades declaram não ter tido mais do que um parceiro sexual em suas vidas. As francesas são aparentemente mais comportadas do que em geral se acredita! A proporcão de homens na mesma situação e muito mais

<sup>12</sup> SIMON P. et al. *Rapport sur le Comportement Sexuel des Français*. Paris: Julliard et Charron, 1972.

<sup>13</sup> SPIRA A., BAJOS N. e Groupe ACSF. *Les Comportements Sexuels en France*. Paris: La Documentation Française, 1993. BOZON M. e LERIDON H. *Sexualité et Sciences Sociales*. *Population* 1993 (nº especial).

<sup>14</sup> Neste artigo apresentamos os resultados de pesquisas sobre o comportamento sexual essencialmente sob o ângulo da sua evolução temporal (de 1971 a 1992) e da comparação entre homens e mulheres. Outros pontos de vistas seriam possíveis, como por exemplo a comparação entre diferentes segmentos sociais. Esta última possibilidade analítica não produz grandes diferenças e não ser no tópico da entrada na vida sexual, ligeiramente mais tardia nas classes mais privilegiadas (para homens e mulheres) e mais precoce nas classes populares (igualmente para homens e mulheres) (cf. BOZON M. L. *Entree dans la Sexualité Adulte*. le premier rapport et se suites. *Population* 5, 1993, p. 1317-1352).

fraca (21% em 1992) mas aumentou pois era de 12% em 1971. Não se pode falar de um aumento irresistível de parceiros múltiplos. Desde a época da primeira enquete a idade média da primeira relação sexual também não evoluiu. Em 1992 os homens de 18 ou 19 anos revelaram ter tido sua primeira relação sexual por volta dos 17 e as mulheres dos 18. A progressão para uma precocidade sexual maior se concluiu na década de 70. Mas a diferença entre as idades de homens e mulheres não desapareceu.

A proporção de pessoas que tiveram relações homossexuais parece estável. 5% de homens tiveram contatos sexuais com um homem durante as suas vidas em 1971 e 4% em 1992. Os números correspondentes são de 2 a 3% para as mulheres nas duas enquetes. Nesse domínio igualmente observa-se uma certa estabilidade por mais inesperado que pareça.

Um certo número de modificações pode ser constatado nas práticas, assim como nas normas. Assim a importância da prostituição reduziu-se nitidamente ao longo das gerações. 5% dos homens de 20-29 anos interrogados em 1992 declararam ter recorrido a ela durante os últimos cinco anos, enquanto 25% dos interrogados em 1971 diziam ter tido relações com prostitutas em algum momento de suas vidas. Considerando-se que a atividade sexual pode se exercer mais facilmente e mais cedo num contexto comum e cada vez menos necessário aos homens recorrer a especialistas.

No decorrer dos anos a experiência sexual dos indivíduos claramente se expandiu. Assim a feleção e o *cunilingus* conheceram uma forte difusão. Três quartos dos homens e das mulheres declaram tê-los experimentado, proporção que chega a 90% das pessoas que têm hoje entre 25 e 34 anos. Em 1971 apenas 60% dos homens e 55% das mulheres haviam conhecido uma dessas práticas em suas vidas. A prática da penetração anal progride mesmo se continua sendo uma atividade um pouco mais rara, foi praticada pelo menos uma vez somente por 30% dos homens e por 24% das mulheres (mas so por 19% e 14% em 1971).

Hoje como em 1971 uma grande diferença aparece entre homens e mulheres quanto a masturbação. As mulheres declaram ter-se masturbado muito menos do que os homens (42% contra 84%) mas muito mais do que em 1971 (19% e 73%). A prática sem dúvida aumentou mas é provável que um contexto social mais tolerante facilite também a declaração.

A frequência média das relações sexuais não evoluiu de uma enquete a outra, cerca de oito relações nos meses precedentes a enquete para os homens assim como para as mulheres. De 1971 a 1992 pode-se notar em troca um nítido aumento da proporção de

pessoas idosas que declaram ter uma atividade sexual especialmente entre as mulheres em 1971 as mulheres com mais de 50 anos vivendo com um parceiro declaravam em 50% dos casos não ter mais relações sexuais enquanto em 1992 na mesma situação 80% delas prosseguem uma vida sexual Hoje para a grande maioria das mulheres a menopausa não é mais um corte

A satisfação sexual dos indivíduos não é evidentemente fácil de ser avaliada De uma enquete a outra mesmo se as perguntas formuladas não eram idênticas nota-se uma ligeira elevação da satisfação nos homens (de 41% a 47% muito satisfeitos) mas sobretudo um acentuado aumento da satisfação das mulheres que ultrapassa agora a dos homens (de 26% em 1971 a 51% em 1992) A progressão é clara em todas as idades mas particularmente nas mulheres acima dos 50 anos A satisfação das mulheres deve sem dúvida ser ligada a sua atitude mais ativa e mais voluntária nas relações amorosas

Em 1971 como em 1992 foi formulada uma pergunta sobre a importância dada ao orgasmo simultâneo nas relações sexuais A adesão a norma do orgasmo simultâneo baixou bastante em 20 anos em particular nas mulheres jovens Essa aspiração menos forte ao prazer simultâneo traduz o recuo de uma visão fusional do casal em benefício de uma imagem mais individualizada do prazer

Finalmente pode-se notar uma forte evolução das normas concernentes a fidelidade e as relações extraconjugais Interrogadas em 1971 as mulheres em sua maioria declaravam que a infidelidade de um homem casado era uma coisa desculpável Em 1992 essa tolerância tradicional se reduziu fortemente e as mulheres em sua maioria não acham aceitáveis as aventuras extraconjugais Assim o progresso da autonomia feminina no casal não se traduz por uma tolerância maior em relação ao homem A liberação sexual feminina se manifesta ao contrário por uma exigência maior face ao cônjuge

Neste breve panorama da evolução recente dos comportamentos pode-se assinalar que a evolução nesse domínio é muito mais lenta do que em geral se acredita As mulheres viveram aparentemente mudanças mais acentuadas do que os homens Em todo caso parece mais fácil falar de sua sexualidade hoje do que há 20 anos e sem dúvida esta é uma das explicações que se pode dar para certas mudanças constatadas

### **Os comportamentos sexuais das mulheres sexualidade, relação, casal**

Se em matéria de sexualidade as atitudes das mulheres se modificaram e essencialmente porque seu lugar na sociedade mudou uma das expressões dessa

mudança e que hoje elas dominam as consequências de sua atividade sexual graças a métodos de contracepção que controlam bem. Mas isso não significa absolutamente que tenham passado a uma atividade sexual sem normas. Para as mulheres a sexualidade continua a se inscrever em atitudes e compromissos bem diferentes em relação aos dos homens.

As mulheres muito mais do que os homens insistem no compromisso ou na ligação afetiva ou conjugal que funda a relação sexual. De seu lado os homens se mostram mais dispostos a separar a sexualidade e o sentimento. Além disso eles não separam a atração sexual passageira do ato. Por exemplo quando se pergunta se pode-se ter relações sexuais com alguém sem amor dois terços dos homens concordam (64%) mas apenas um terço das mulheres (36%). Da mesma forma menos mulheres aceitam a ideia de que pode haver amor sem fidelidade ou que as infidelidades passageiras reforçam o amor.

Na enquete sobre os comportamentos sexuais em 1992 foram feitas perguntas sobre a definição da relação sexual<sup>15</sup> e sobre o que as pessoas interrogadas consideravam normal ou aceitável. Mais do que os homens as mulheres consideram a penetração como um elemento indispensável nas relações sexuais (65% contra 59%). Mas a par disso como foi indicado acima as mulheres especialmente as jovens aderem menos do que os homens a norma do orgasmo simultâneo. A importância concedida pelas mulheres a penetração é um pouco surpreendente. Sabe-se que algumas feministas defenderam a ideia de que a penetração vaginal correspondia a uma norma e a uma exigência masculinas as quais as mulheres se submetiam porém sem aderir. Aparentemente não é bem assim. A insistência das mulheres na penetração não deve ser interpretada como indicadora de uma representação fusional das relações sexuais e da sexualidade em geral. Ela talvez seja valorizada como sinal ou símbolo concreto da ligação e da aproximação voluntária entre os parceiros por ocasião da relação sexual.

Essa importância dada a penetração contrasta com a reticência das mulheres a respeito da masturbação. A fraca legitimidade dessa prática para as mulheres transparece na fraca proporção daquelas que declaram tê-la praticado (em comparação com os homens). Diversos indícios no questionário sugerem que o número de mulheres que praticaram a masturbação e na realidade mais elevado mas que elas não ousam declara-lo. Parece que ainda é difícil para uma mulher admitir a existência de uma forma de sexualidade egoísta na qual o prazer é obtido sem parceiro.

<sup>15</sup> A pergunta era a seguinte: Para você relação sexual quer dizer que há uma penetração?

A esse afastamento entre as normas femininas e masculinas correspondem histórias ou trajetórias sexuais diferentes (ou pelo menos vividas de modo diferente). Pode-se tomar o exemplo da primeira relação sexual. As mulheres tendem a considerar seu primeiro parceiro sexual como um cônjuge ou a pre-figuração de um cônjuge. Para os homens, em troca, a primeira relação sexual, mais precoce aliás do que a das mulheres (17 anos contra 18) e sobretudo uma etapa no aprendizado técnico da sexualidade e na construção de si, sem referência a uma relação ou a um casal futuro, ligeiramente mais velha e mais experimentada, a primeira parceira não tem as características de sua esposa futura (que será ao contrário mais jovem). No momento de sua primeira relação sexual, dois terços das mulheres declararam que estavam muito apaixonadas por seu primeiro parceiro, o qual elas frequentemente imaginavam na época como o homem de sua vida. Em troca, um homem em três apenas se disse muito apaixonado por sua primeira parceira. É muito simbólico que uma tão grande diferença de envolvimento afetivo entre homem e mulher se manifeste desde a primeira relação sexual.

Homens e mulheres, como vimos acima, apresentaram numerosos meios de parceiros sexuais<sup>16</sup> durante suas vidas, que não têm aparentemente nenhuma relação entre si. Os homens declaram ter tido 12 parceiras em média (com uma mediana de 5); 21% dos homens tiveram apenas uma única parceira, e 1% mais de 100. As mulheres tiveram três parceiros em média (com uma mediana de um); 46% tiveram um único, e uma em 10.000 apenas declarou mais de 100 parceiros! Mesmo levando em conta a prostituição feminina, não é possível explicar essa diferença. Vários especialistas afirmaram que esses resultados eram uma prova da muito baixa confiabilidade das enquetes sobre sexualidade, e que as pessoas interrogadas mentiam segundo suas predisposições psicológicas, os homens exagerando-as como machos latinos, e as mulheres por discreção. A interpretação é insuficiente, pois essas discrepâncias entre as declarações das mulheres e dos homens se encontram em todos os países europeus e nos Estados Unidos sempre que foram realizadas enquetes. Pode-se pensar que os homens e as mulheres dizem a verdade, mas que cada um tem a sua verdade.

Nossa hipótese é que as pessoas interrogadas encararam diferentemente aqueles que contavam como parceiros: as mulheres provavelmente contaram os homens com os quais tiveram relações de caráter sexual com uma certa duração, enquanto os homens contaram as mulheres com as quais tiveram experiências sexuais por mais breves que tenham sido. Uma confirmação

<sup>16</sup> Trata-se de parceiros de sexo diferente.

dessa hipótese e em parte fornecida por uma outra pergunta que queria saber quantas vezes os interrogados se apaixonaram durante suas vidas. A distância entre as respostas dos homens e as das mulheres é aqui muito menos expressiva (quatro vezes para os primeiros três para as segundas). Aproximando-se esse resultado da resposta sobre o número de parceiros sexuais vê-se que os homens tiveram com muito mais frequência experiências sexuais sem estarem apaixonados enquanto as mulheres quando têm esse tipo de experiência preferem esquecê-la e não incluí-la entre o que contou para elas.

As pessoas ouvidas perguntou-se se falavam com outras pessoas sobre sua vida sexual e amorosa. Muito mais do que os homens as mulheres evocam esse tema com confidentes que alias são em geral mulheres. Essas confidências amorosas e sexuais mais frequentes entre as mulheres não parecem se situar no registro da ostentação ou do relato técnico de experiências sexuais mas mais naquele do relato das relações da evolução dos sentimentos dos problemas que se colocam com o parceiro. Se esse tema é motivo de conversações frequentes entre as mulheres é essencialmente porque a síntese da sexualidade dos sentimentos e do casal tornou-se muito problemática em particular num contexto de valorização crescente da autonomia pessoal das mulheres.

Pode-se dizer em resumo que as mulheres concebem dificilmente a atividade sexual fora dos limites do casal ou de uma relação afetiva exclusiva e que elas valorizam muito pouco ou até consideram como fracassos as experiências que não se inscrevem nesse contexto. Os homens ao contrário podem conceber uma atividade sexual relativamente autônoma e parceiras com as quais não existam laços fortes. Essa experiência dupla contraditória da atividade sexual mostra muito bem que a sexualidade não é um jogo mas constitui um dos suportes fundamentais sobre os quais são construídas as relações sociais de sexo.

A liberação dos costumes o desenvolvimento da contracepção e as transformações contemporâneas da condição das mulheres não modificaram de modo profundo nem as representações nem os lugares desiguais de homens e mulheres nesse domínio. Dependentes de um desejo masculino dominante as mulheres são um objeto que se procura possuir. Os homens são vistos como sujeitos desejantes independentes. A permanência de uma violência sexual arcaica contra as mulheres indica que a dominação masculina pode assumir formas extremas quando a situação as favorece<sup>17</sup>. A tática feminina é em geral procurar estabilizar e regular o desejo dos homens. Realistas mais do que românticas as mulheres antecipam sempre as consequências de suas

<sup>17</sup> BOZON Michel e LERIDON Henri *Sexualité et Sciences Sociales Population* 1993 (nº especial)

escolhas conjugais e das rupturas que podem se produzir  
A epidemia da Aids so vem reforçar esse realismo

### **O divorcio e as mulheres uma liberação ambígua**

O fato de que as mulheres sempre desejam inscrever sua sexualidade no contexto das relações e envolvimentos duráveis não significa mais hoje que elas estejam dispostas a sacrificar sua autonomia e seu bem-estar ao altar do casal. Quando o casal não funciona as mulheres são mais radicais do que os homens. Atraves do aumento dos divorcios que atualmente representam na França 30% dos casamentos (mesmo mais se considerarmos as rupturas invisíveis de casais que coabitam) exprime-se uma contestação essencialmente feminina do casal. A iniciativa da separação cabe principalmente as mulheres o que traduz o maior investimento destas no casal e seu desejo de ruptura franca no caso de decepção. A constatação de que as mulheres tomam a iniciativa indica muito bem que elas têm exigências mais fortes.

Pode-se dizer que a ruptura do casal devolve as mulheres sua liberdade? A existência de separações por iniciativa das mulheres reflete em si os progressos de sua autonomia ligados entre outros ao aumento de sua taxa de atividade profissional. Mas se examinarmos mais detidamente as consequências do divorcio verificamos os limites e as ambiguidades da autonomia que ele proporciona.

Tomemos o caso das mulheres que se separam apos uma certa duração da vida conjugal. Uma experiência conjugal anterior deixa traços e estes são mais visíveis e mais acentuados numa mulher que num homem. Em razão do investimento psicologico das mulheres no casal o esforço inverso de desinvestimento para sair da relação pode ser psicologicamente desestabilizador. Alem disso a vida em casal lega a mulher a sua idade. A idade não é bem entendido um produto da experiência conjugal. Mas em razão da forte valorização social da fecundidade amplamente interiorizada pelas mulheres todo avanço de idade as aproxima do destino biologico que e o de não mais poder conceber filhos apos os 45 anos. Quanto mais tarde elas saem da vida conjugal mais conhecem essa desvalorização pela idade que o homem conhece muito menos. Mas as consequências mais importantes de uma experiência conjugal são de qualquer modo os filhos. Na França em 85% dos casais que se divorciam a guarda dos filhos é atribuida a mãe proporção inalterada ha 20 anos. A instauração de uma forma de divorcio mais liberal e mais igualitaria (lei de 1975) nada mudou nesse estado de coisas que resulta de um consenso geral ativo entre as mulheres passivo nos homens.

Os filhos constituem um verdadeiro **território feminino** que as mulheres não podem psicologicamente abandonar sob pena de renegarem um traço de identidade e um elemento de *status* social tanto mais valorizado quanto mais modesta for a sua posição social e profissional. Mesmo que a fecundidade tenha baixado na França, calculou-se que nunca houve tão poucas mulheres sem filhos durante toda a sua vida (11% nas gerações recentes, contra 25% na década de 30). Mas esse território das mulheres continua sendo também uma carga mais pesada ainda do que quando elas viviam no casal, uma vez que devem também assumi-lo com menos recursos.

As mulheres que se separam depois dos 30 anos e que têm filhos conhecem as dificuldades para formar um segundo casal. Elas não se recusam a viver novamente em casal, mas também não aderem tão completamente a um projeto de casal como na primeira vez, e têm maiores exigências em matéria de cônjuge. Além disso, estão menos disponíveis para encontrá-lo ou estar com ele, em parte por causa de seus filhos. Finalmente, elas têm mais dificuldades para encontrar um cônjuge, na medida em que sofrem também a concorrência das mulheres mais jovens. Assim, são constringidas muitas vezes a formar um casal com homens divorciados, sensivelmente mais idosos.

Em definitivo, a separação libera a mulher do confinamento em uma situação que se tornou insuportável ou asfixiante, mas certamente não das consequências dessa relação, nem dos encargos familiares e domésticos que ela deve continuar a assumir. Além disso, suas dificuldades para formar um segundo casal são particularmente reveladoras da forte dominação masculina sobre o mercado matrimonial nessa idade mais tardia.

As relações sociais de sexo estão presentes no cerne do amor, da sexualidade e da intimidade. Na vida privada, a dominação masculina se exprime com frequência de modo indireto, através de elementos simbólicos, materiais e relacionais. Assim, existe uma divisão sexual do trabalho afetivo, baseada em representações tradicionais, que reserva às mulheres certas atitudes e certos sentimentos, dos quais os homens são dispensados.

A evolução das estruturas familiares, o desenvolvimento do trabalho feminino, a ampliação da experiência sexual das mulheres, o desenvolvimento do casal individualista e do divórcio são vitórias para as mulheres, mas suas consequências podem ser ambíguas, pois a família continua como seu encargo exclusivo. O peso da autonomia e difícil de suportar, norma de autonomia pessoal e desejo de estabelecer relações afetivas duráveis com os homens, nem sempre se casam bem.

## Anexo

As pesquisas quantitativas sobre os comportamentos sexuais na França

Com vinte anos de intervalo duas grandes pesquisas quantitativas abordaram o problema dos comportamentos sexuais na França

Realizada em 1971 e publicada em 1972<sup>18</sup> a pesquisa dirigida por Pierre Simon foi a primeira a tratar do tema Essa pesquisa foi simultaneamente um grande acontecimento científico e de mídia pela primeira vez os franceses descobriam seus próprios comportamentos em um domínio considerado privado a sexualidade Conduzida por um instituto de pesquisa o IFOP com 2 625 pessoas de mais de 20 anos a pesquisa Simon foi realizada cara a cara com uma parte auto-administrada O estudo era sem dúvida uma consequência do grande movimento de ideias e de lutas de maio de 1968 inscrevendo-se em uma perspectiva de liberação dos costumes No questionário a ênfase recai sobre a sexualidade e a contracepção no quadro conjugal

O aparecimento da Aids em meados dos anos 80 tornou necessária a atualização dos conhecimentos sobre os comportamentos sexuais da população Intitulada *Analyse des comportements sexuels en France* (Análise dos comportamentos sexuais na França) a segunda pesquisa foi realizada em 1992 num contexto de sexualidade de risco em um clima bem diferente daquele dos anos 70 O projeto reuniu um grupo de pesquisadores formado de epidemiologistas sociólogos psicólogos sociais psicanalistas economistas e demógrafos<sup>19</sup> Inicialmente os objetivos prioritários do estudo incluíam sobretudo a medida da frequência de certos tipos de comportamentos estimados como de risco no contexto da Aids com uma perspectiva de redefinição das estratégias de prevenção Contudo os sociólogos e os psicólogos souberam convencer o grupo de pesquisa de que era necessário realizar uma investigação mais ampla sobre o conjunto do comportamento sexual ultrapassando o problema do vínculo entre sexualidade e Aids

A pesquisa foi levada a cabo por telefone envolvendo 20 055 pessoas homens e mulheres com idade entre 18 e 69 anos A grande maioria dos domicílios franceses (94%) conta com um telefone Pouco comum na França para pesquisas deste tipo a utilização deste método apresentava vantagens significativas De um lado o controle do trabalho dos entrevistadores pelos pesquisadores era notavelmente simplificado pelo fato de os primeiros estarem reunidos nas salas de telefones de dois institutos de pesquisa De outro lado com este tema difícil o uso do telefone introduzia um bom grau de anonimato e de distância entre entrevistador e entrevistado facilitando o desenvolvimento da entrevista

<sup>18</sup> SIMON Pierre  
GONDONNEAU Jacques  
MIRONER Lucien e  
DOURLEN ROLLIER Anne  
Marie *Rapport sur le  
Comportement Sexuel des  
Français* Paris Julliard et  
Charron 1972

<sup>19</sup> SPIRA Alfred et al op cit  
BOZON M e LERIDON H  
op cit